CLARICE ENTRE DOIS AMORES: MACHADO DE ASSIS E GUIMARÃES ROSA*

Edgar Cézar Nolasco**

> Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.
>
> Lispector. Saudade. In: *A descoberta do mundo*, p. 144.

RESUMO: Pautado pelo que propõe a teoria da crítica cultural, mais especificamente no tocante às políticas da amizade, o ensaio discutirá a relação entre três grandes intelectuais: Machado de Assis, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. No ensaio, dar-se-á atenção especial para o lugar e papel que Machado de Assis e Guimarães Rosa ocupam enquanto amigos intelectuais na produção cultural de Clarice Lispector. No tocante a Machado, discutir-se-á a presença da literatura do mesmo dentro da obra clariciana, posto que a escritora meio que zomba da tradição literária brasileira ao*dizer que não se lembra se tinha algum livro* do bruxo do Cosme Velho em sua estante. Por este viés crítico, pode-se argumentar até que ponto a literatura da escritora nasce dialogando diretamente com a referida tradição. Já com relação a Guimarães Rosa, é publico o fato de que ele nutria pela literatura da escritora uma verdadeira eleição de leitor, como atesta seu próprio comentário à amiga de *que a lia não para a literatura mas para a vida. Clarice*, por sua vez*,* era uma leitora contumaz de Rosa, além de admiradora de sua literatura, como fez questão de dizer por várias vezes, mesmo quando se encontrava fora do Brasil.Por fim, mostraremos como a literatura da escritora conseguiu se inscrever e sobressair na tradição literária brasileira, tendo numa ponta o escritor machado de Assis e, na outra, ninguém menos do que Guimarães Rosa.

Palavras-chaves: Amizade literária, Crítica cultural, Tradição

ABSTRACT: This essay intends to discuss the relation among three intellectuals: Machado de Assis, Clarice Lispector and Guimarães Rosa, based on the cultural criticism theory, specifically related to the friendship policies. Here, we will give special attention to the place and role Machado de Assis and Guimarães Rosa played in Clarice´s cultural production as her intellectual friends. Concerning to Machado de Assis, we will discuss the presence of his literature in Clarice´s work, since she mocks the Brasilian literacy tradition mentioning *she did not have any books by the Cosme Velho*

* Este artigo foi apresentado no *Seminário Centenário de Dois Imortais*: Machado de Assis e Guimarães Rosa que ocorreu na UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais no período de 29 de setembro a 02 de outubro de 2008.

** UFMS/CNPq Doutor em Literatura Comparada. Professor nos curso de Graduação e Pós-graduação da UFMS.

wizard on her shelves. Based on this critical view, we can state how far her literature was born dialoguing with this tradition. Relating to Guimarães Rosa, the fact that he nurtured a real reader preference by her literature is well known, specially when he mentioned that *he used to read her books not for literature but for life*. Besides admiring his work, Clarice was a willfully reader of Rosa´s, she also insisted on saying that more than once even when traveling abroad. At last, we will show how her literature became part and stood out in the Brazilian literary tradition, having on one Machado de Assis, and on the other, Guimarães Rosa.

Key-words: Literary friendship, Cultural criticism, tradition.

Independentemente de onde a escritora Clarice Lispector estivesse, o sentimento da saudade sempre fora recorrente em sua vida. Quando se encontrava fora do país (aliás viveu por dezesseis anos fora), sempre que escrevia uma carta, um bilhete que fosse, ou até mesmo um simples cartão, ambos eram pretextos para externalizar sua amizade e saudade, quer fosse a amigos, familiares ou ao país. É nesse sentido que entendemos a assertiva que a escritora faz em carta escrita de Berna em 5 de maio de 1946: "na verdade quando eu escrevo carta eu estou com um anzol compridíssimo cuja isca bate no Rio de janeiro para pescar respostas"[1]. No campo familiar, o livro *Minhas queridas,* que reúne as cartas de Clarice para suas duas irmãs, é um bom exemplo de saudade fraternal.Um abraço, um beijo e muitas saudades são recorrentes ao final das cartas da remetente que assinava quase sempre como "Sua Clarice". No tocante aos amigos, o livro *Cartas perto do coração* ilustra muito bem o sentimento da saudade que a amiga sentia por um amigo distante. Neste caso, a amizade entre a missivista e o amigo Fernando Sabido foi mantida e continuou por mais de 20 anos, sempre aquela despedindo-se com *a amizade e a saudade da Clarice*[2]. Em carta de Washington de 25 de outubro de 1954, Clarice cobra, como fazia aliás com todos os demais destinatários, que Sabino lhe escrevesse: "não seja preguiçoso, Fernando, e me escreva, mesmo que nada tenha a me informar. Não sou exigente, quero carta apenas. Também para lhe escrever de vez em quando e mandar para você a minha amizade"[3]. Como se vê, por meio das cartas, ao mesmo tempo em que a signatária envia sua saudade sentida pela ausência do amigo, também acaba mostrando que trocar correspondências é uma forma pessoal, pelo menos da parte dela, de manter as amizades em ação.

Enquanto esteve fora do país, o sentimento da saudade, somado a outros, inclusive aqueles decorrentes da saudade, povoaram a mente da escritora. Em carta enviada de Roma a 9 de maio de 1945, Clarice mostra o quanto o sentimento da

[1] *Apud* BORELLI. *Clarice Lispector*: esboço para um possível retrato, p. 112.

[2] "Fernando, seria muito bom começar a carta dizendo: foi ótimo receber carta sua. Como não é o caso, começarei assim: não foi ótimo não receber carta sua. Não faz mal, o tempo não se conta em dias, conta-se em anos __ e notícias podem chegar." (*Apud* SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 99).

[3] *Apud* SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 123.

saudade minaria toda sua vida no exterior, que estava marcada pelo exílio, solidão e representações sociais: "tudo isso misturado ao cansaço e a uma saudade horrível. Mas resolvi não falar hoje de saudade, nem dar a entender 'saudade' por carinho... Senão eu me derramaria demais e perderia o equilíbrio que é tão necessário pelo menos para se dormir de noite. É melhor ir na onda dos jantares, das comemorações e das besteiras"[4]. De volta ao Brasil, se aquela saudade dos entes queridos foi parcialmente resolvida, por outro lado, podemos dizer que Clarice dedicou-se no exercício de outras formas de saudades/amizades. Agora, e sem descartar a inversão, posto que ela deixou para trás novos amigos, lugares que visitou, cidades que morou etc., repara as saudades das perdas, das obras e dos autores que lera. Menciono três exemplos: um voltado para a saudade desencadeada pela perda de um amigo; o outro trata de toda uma viagem imaginária a uma das cidades que mais gostou de ter conhecido; o terceiro refere-se à saudade de um escritor lido outrora, por cuja obra nutria grande admiração. Clarice abre a crônica-carta, intitulada "Lúcio Cardoso" e publicada no *Jornal do Brasil* em 11 de janeiro de 1969, deste modo: "Lúcio, estou com saudade de você, corcel de fogo que você era, sem limite para o seu galope. Saudade eu tenho sempre. Mas, saudade tristíssima, duas vezes"[5]. A primeira saudade refere-se *ao momento em que de repente o amigo adoeceu*. "A segunda saudade foi já perto do fim: entrei no quarto e vi o Cristo morto. Seu rosto estava esverdeado como um personagem de El Greco. Havia a Beleza em seus traços"[6], arremata Clarice. Neste caso, a saudade trata de uma perda irreparável. A ausência, a morte do amigo desencadeia toda uma história pregressa da vida da escritora. Daí podermos inferir que o cultivo do sentimento da saudade nela desencadeia toda uma política da amizade que pode ser analisada em benifício de sua obra. No caso específico do amigo Lúcio Cardoso, basta lembrar da importância que ele exerceu no início da vida dela como escritora, principalmente como amigo, conselheiro literário e leitor cuidadoso. Em 1 de abril de 1972, a escritora publica no mesmo *Jornal* a crônica "Minha próxima e excitante viagem pelo mundo". Começa assim: "amanhã vou partir para a Europa. De onde mandarei meus textos para este *Jornal*"[7]. Trata-se, na verdade, de uma grande mentira, como ela mesma esclarece ao final: "o fato é que hoje é 1° de abril e desde criança não engano ninguém nesse dia"[8]. O curioso é que ela se vale dessa viagem imaginária para matar a saudade de vários lugares e amigos. Como sua sede será Londres, de lá planeja rever várias cidades, nesta ordem: "vou a Paris ver de novo a Mona Lisa pois estou com saudade"; "seguirei para a minha amada Itália. Roma antes. Depois Florença"; "irei à Grécia que só conheço de rápida passagem"; "quero voltar a Toledo e a Córdoba. Em Toledo reverei os El Greco"; "irei a Israel"; "e Portugal? Tenho que voltar a Lisboa e Cascais";

[4] *Apud* BORELLI. *Clarice Lispector*: esboço para um possível retrato, p. 107.

[5] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 243.

[6] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 244.

[7] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 645.

[8] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 647.

"darei um pulo na Libéria, em Monróvia"; e, *quando estiver na hora de não poder mais morrer de saudades do Brasil*, "voltará via Nova Iorque." E, antes de voltar ao Rio, dará um pulo a Belém do Pará, para rever os amigos Francisco Paulo Mendes e Benedito Nunes. No percurso da viagem, outros amigos foram lembrados, como a poeta portuguesa Natércia Freire e Eça de Queirós, em quem pensou muito a ponto de querer relê-lo: "sei que vou gostar de novo__ como se fora a primeira leitura__ do suculento estilo de Eça"[9]. Também na crônica, que não por acaso intitula-se "As pontes de Londres", Clarice demonstra a mesma saudade pelos escritores mortos, como no caso de Eça de Queirós. Depois de descrever "a feiúra dos ingleses", da "terra cinzenta de Londres", do "café horrível", do *fog* que "exala das pedras do chão e envolve as pontes", e muito mais, diz: "e depois há a saudade dos escritores mortos. Tenho muita saudade de Lawrence"[10]. Para concluir a crônica dizendo que *tudo isso se chama saudade*. É a essa saudade de amigos intelectuais, quer eles estejam mortos, como Lúcio Cardoso, Eça, Lawrence ou Machado de Assis, quer estejam vivos à época, como a amiga Natércia Freire, ou o amigo Guimarães Rosa, entre outros, que nos interessará de agora em diante neste ensaio de natureza biográfica.

Antes, porém, somos levados a dizer que Clarice tira proveito desse sentimento, sentido por toda a vida, como um instrumento a mais para a construção de sua produção intelectual. Aliás, não por acaso, já tivemos a oportunidade de mostrar em outro trabalho que o traço biográfico da escritora é inerente ao seu processo de criação literária[11]. Borges, ao falar de sua cegueira hereditária e gradual, disse que ela estava *entre os muitos e tão estranhos instrumentos com que o destino ou o acaso nos brinda*:

> Não apenas o escritor mas todo homem deve se lembrar que fatos da vida são um instrumento. Todas as coisas que lhe são dadas têm um sentido, ainda mais no caso do artista; tudo o que lhe acontece – inclusive humilhações, mágoas e infortúnios – funciona como argila, como material que deve ser aproveitado para sua arte.[12]

Daí podermos dizer que a escritora valeu-se tanto da saudade, ou melhor, de uma política da amizade que não só serviu como instrumento para seu trabalho intelectual, como a mesma exerceu seu papel político dentro da ficção. Este, pelo menos, é o modo como o escritor Machado de Assis, um dos fundadores da tradição literária brasileira, é convidado a participar da maçonaria secreta de amigos eleitos pela escritora em sua obra. Se, na maioria das vezes, a saudade/amizade de Clarice por

[9] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 646.

[10] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 612.

[11] "Para construir sua escrita, 'se esquece'dos fatos pessoais para 'lembrá-los' como ficcionais.É como se partisse da premissa de que as coisas que lhe aconteciam tinham um sentido específico e oculto – como as humilhações, tortura e glória, felicidade clandestina – e pediam para ser reaproveitadas na ficção" (NOLASCO. *Restos de ficção*: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector).

[12] BORGES. *A cegueira*.

seus amigos era tornada pública por meio de cartas, cartões postais, crônicas, bilhetes, ou até mesmo por meio de "conversas", no caso de Machado dá-se pela porta da frente, ou seja, por meio direto da ficção. Lê-se no conto "Dia após dia", de *A via crucis do corpo*:"nunca na vida eu disse essa coisa de 'para o meu gáudio'. É muito esquisito. De vez em quando eu fico meio machadeana. Por falar em Machado de Assis, estou com saudade dele. Parece mentira mas não tenho nenhum livro dele em minha estante. José de Alencar, eu nem me lembro se li alguma vez"[13].

Se nunca disse a expressão machadiana, como assegura, no entanto a esta se reporta pela primeira vez, apesar de reiterar a esquisitice da frase. Também ficar de vez em quando machadiana, como diz, já assinala a relação entre ela e o amigo, buscando, assim, um certo distanciamento, ou seja, ela impõe a política da "boa-distância" entre ambos que, mesmo se dando pela prática da denegação, só reforça a verdadeira amizade entre os dois. A saudade escrita é o laço mais forte de comprovação da amizade literária, mesmo quando tal sentimento faz a escritora lembrar-se *de que não tem nenhum livro do amigo em sua estante*. Aqui, na verdade, podemos entender que Clarice o toma mais como um verdadeiro "inimigo", no sentido nietzschiano. Poderia ser arriscado para a escritora, pelo menos em parte, ter em sua estante livros dos fundadores da tradição literária brasileira. Não seria nunca por acaso que ela traindo-se lembra de José de Alencar, mesmo que seja só para dizer que *não se lembra sequer se o lera alguma vez*. Podemos facilmente desconstruir a denegação, na qual a escritora quer que o outro acredite, e perguntar se seria possível uma mocinha do final dos anos trinta e início dos quarenta não ler José de Alencar e Machado de Assis?

No parágrafo seguinte do conto, Clarice conclui que enfim *está com saudade*: "saudade de meus filhos, sim, carne de minha carne. Carne fraca e eu não li todos os livros"[14]. De saudade em saudade, a escritora deixa a amizade intelectual e volta-se para a amizade familiar, literalmente carnal, e convoca a presença na ausência dos filhos. A carne pode ser fraca e ela pode de fato não ter lido todos os livros, mas no tocante a Machado de Assis podemos ver claramente a estratégia política da escritora pelo avesso e concluir que a falta, a ausência, a lacuna do livro machadiano na estante só reforça a presença fantasmática do escritor no imaginário intelectual da escritora. (Se o espectro é tão leve que voa, a tradição tem peso). Apesar de a relação entre Machado de Assis e Clarice Lispector dar-se na valorização da "inimizade" para o gáudio da escritora, a "conversa" instaurada é com um "defunto", onde o que se sobrepõe é a retórica da saudade sobre o epitáfio. A política da inimizade se instaura entre Clarice e o amigo porque ela, apesar de sentir saudade dele e falta de sua obra em casa, não supõe o compromisso de amá-lo além da vida ou da morte, como deixa subentendido na passagem transcrita do conto. Nesse sentido, vejamos com Cícero a lógica do discurso do epitáfio e, por conseguinte, por que Clarice não partilha da amizade proposta pelos filósofos clássicos:

[13] LISPECTOR. *A via crucis do corpo*, p. 62.

[14] LISPECTOR. *A via crucis do corpo*, p. 62.

> Com feito, quem olha para um amigo verdadeiro vê nele, por assim dizer, uma *imagem* (*exempla*) de si mesmo. É por isso que os amigos, ainda que ausentes, estão presentes; ainda que pobres, têm abundância; ainda que fracos, são fortes e, o que é mais difícil de dizer, *ainda que mortos*, *estão vivos*: tamanha é a consideração, a lembrança, a saudade dos amigos que os acompanha![15]

Se, por um lado, Clarice sente saudade do amigo, a ponto de ter que escrever sobre tal sentimento no conto, por outro, o faz pela via da desconsideração, quando lembra que não tem nenhum livro dele na estante. Tal gesto, por sua vez, já é o suficiente para mostrar que a escritora espertamente camufla a possibilidade do amigo *sobreviver* nela. Sua amizade dele é pensada. Há saudade, mas há também esquecimento, o que denuncia que sua experiência da amizade constitui-se de uma *política da amizade* de Clarice Lispector. "Se não há lembrança sem luto", conforme afirma Ortega, podemos dizer que na relação de amizade entre Clarice e Machado não há saudade sem luto, ou seja, por meio dessa relação de amizade instaura-se um discurso da saudade que faz o amigo morto retornar como um mero instrumento desencadeador da memória que põe o sentimento da saudade em ação. Nesse caso, Machado de Assis continua sendo Machado de Assis, tem sua existência própria, assim como Clarice Lispector implicada na relação, ou seja, o amigo não altera a identidade da escritora, não é um *alter ego*, um *exempla* para a escritora. Porque a saudade da amiga não reduz o amigo morto, que continua a existir para além da saudade eminentemente política. Nessa relação, o amigo não se resume a uma imagem, ou cópia da própria amiga, nem muito menos a um parente. Na referida passagem do conto, entendemos que é exatamente para não pôr o amigo nesse lugar fraternal, familiar, que a escritora transfere sua saudade para os filhos, quando afirma: "saudade de meus filhos, sim, carne de minha carne". Concordamos com Ortega quando diz que "não há amizade sem finitude e sem ipitáfio"[16], apesar de acreditarmos numa amizade que – e Clarice é um bom exemplo dessa amizade – não trate de nenhuma relação de intimidade que não seja a do íntimo da intimidade do sujeito com o "outro" de si mesmo.

Amigo morto, como no caso de Machado de Assis, saudade posta. Talvez exposta. Mas não houve intimidade; talvez um pouco de proximidade necessária. A passagem mostra a distância pensada e necessária da amiga Clarice diante do espectro do amigo que retorna em seu texto por meio da saudade, ao mesmo tempo em que esta distância mostra o respeito pelo amigo morto. Há delicadeza e sensibilidade feminina na relação ("de vez em quando eu fico meio machadeana"), mas não há intimidade, como já reiteramos. E como ficaria no caso da relação de amizade com Guimarães Rosa, que no princípio estava vivo?

São raros e escassos os encontros entre Rosa e Clarice, bem como os comentários de ambos sobre suas respectivas obras. No entanto, os poucos encontros e

[15] Apud ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 69.

[16] ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 70.

comentários são densos e profundos, como profunda era a admiração que um amigo nutria pelo outro, conforme mostraremos. Nesta relação, quase não há saudade, como na anteriormente mostrada; mas há admiração explícita que acaba exercendo papel equivalente na política da amizade posta em prática pela escritora. Em carta enviada de Washington a 11 de dezembro de 1956 ao amigo Fernando Sabino, a escritora abre a carta dizendo que está lendo o livro *Grande sertão*: veredas e não pode deixar de escrever ao amigo:

> Nunca vi coisa assim! É a coisa mais linda dos últimos tempos. Não sei até onde vai o poder inventivo dele, ultrapassa o limite imaginável. Estou até tola. A linguagem dele, tão perfeita também de entonação, é diretamente entendida pela linguagem íntima da gente – e nesse sentido ele mais que inventou, ele descobriu, ou melhor, inventou a verdade. Que mais se pode querer? Fico até aflita de tanto gostar. Agora entendo o seu entusiasmo, Fernando. Já entendia por causa de *Sagarana*, mas este agora vai tão além que explica ainda mais o que ele queria com *Sagarana*.[17]

A admiração de leitora de Clarice Lispector parece representar bem o que significou a publicação de *Grande sertão*: veredas no meio intelectual brasileiro da época. Termina a carta dizendo a Sabino que a leitura do livro deu a ela *uma reconciliação com tudo, explicando a ela coisas adivinhadas, enriquecendo tudo*, enfim, que "tudo vale a pena, a menor tentativa vale a pena". No fundo, o teor da carta já mostra uma relação transferencial entre a leitora e o livro, uma relação de amizade, que só mais tarde ficará mais compreensível por meio de outros encontros e comentários entre ambos de suas respectivas obras.

Na crônica não por acaso intitulada "Conversas", publicada no *Jornal do Brasil* em 14 de setembro de 1968, a escritora relata um encontro que teve com o amigo Guimarães Rosa, pouco antes de ele morrer, em casa dos amigos em comuns Pedro e Miriam Bloch. Da conversa, Clarice relata que Rosa dissera que, quando não se *sentia bem em matéria de depressão, relia seus próprios escritos, enquanto ela deixou a todos os presentes na sala espantados, quando disse que detestava reler suas coisas*[18]. Segundo Clarice foi nessa ocasião que o amigo dissera *uma coisa que jamais esqueceu, tão feliz se sentiu na hora*: "disse que me lia, 'não para a literatura, mas para a vida'. Citou de cor frases e frases minhas e eu não reconheci nenhuma"[19]. Ler o outro para a vida pode ser a *distância* certa que uma boa amizade demanda. Porque tal conversa mostra que há respeito, admiração entre os dois amigos, mas sem intimidade.Ou seja, mesmo em momento de conversa descontraída, fica subentendido que ambos os amigos cultivam o*ethos* da distância e do silêncio, isto é, um se reserva o direito de respeitar o outro em sua diferença. Rosa ler a amiga para a vida, além de saber de cor frases dela, e Clarice ficar tão feliz com o

[17] Apud SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 179.

[18] Cf. LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 193.

[19] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 195.

gesto do amigo, a ponto de jamais esquecer tal gesto, reforçam que a amizade entre os dois parece só existir na pauta da impossibilidade. Daí podermos pensar que seria exatamente aquilo que mais os afastaria, a distância em si, o que mais os aproxima e fortalece, inclusive, a própria tradição literária inteira. Uma amizade aberta ao novo, marcada pela diferença da e na linguagem *talvez*. Os amigos aproximam-se na distância. Ou na travessia dos encontros escassos. Ainda podemos ver nessa relação de amizade, marcada pela gentileza, que não houve dominação de um sobre o outro, de um sobre o trabalho intelectual do outro. Isso só é possível porque tal amizade inscreve-se na ética da "boa-distância", do respeito mútuo pelo trabalho, e o melhor exemplo disso talvez seja a constatação de que cada um deles continuou a inventar aquilo que acreditava certo e que já estava, por sua vez, dentro de sua própria lógica, ética ou política da amizade.

Quando Clarice diz ao amigo que detestava reler o que havia escrito, se por um lado reforça sua prática recorrente diante de sua obra, além de reforçar também uma certa encenação não menos pensada da escritora, por outro lado vemos brotar da afirmação uma certa cultura do silêncio que contribui para a amizade como a postulada entre os dois. Aliás, em se tratando de Clarice Lispector, quer seja uma entrevista, sua linguagem, ou até mesmo seu modo de viver enquanto pessoa e intelectual já desencadeiam toda uma prática, ou *ethos* do silêncio. No tocante às amizades, não foi menos diferente. (Talvez mesmo a questão do silêncio seja tão inerente ao modo de viver e ao trato com a linguagem da escritora como consequência cultural, já que sua herança/errância advém de uma condição diaspórica, nômade e clandestina). Podia até detestar reler seus textos, bem como ser chamada de escritora pelos amigos, mas em compensação *adorava ouvir os amigos que diziam coisas que davam a medida de sua ignorância*. Ao agir assim a escritora desencadeia toda uma política do silêncio que corrobora uma ética da amizade entre os amigos onde o silêncio muitas vezes dispensa o uso de palavras. É escusado dizer que o silêncio reforça a amizade calcada na "boa-distância". Também podemos dizer que essa amizade não visa a fraternidade entre os amigos, porque não há espaço para a intimidade entre eles; o que há é a comprovação de que a amizade é da ordem do público. Aliás, se há amizade, ela é sempre para além da amizade. Ou seja, se é própria a algum amigo, já não o é. Na verdade, a amizade repousa no trabalho contínuo de tecer metáforas e imagens que desacomodam as relações que se querem estáveis. Não por acaso, como dissera Derrida, a amizade, como a política, é sempre uma "realização parcial e inadequada"[20].

Em crônica de 30 de dezembro de 1967, mesmo ano da morte do amigo Guimarães Rosa, Clarice relata que um crítico eminente havia escrito que ela e Guimarães Rosa eram dois embustes. Disse que deu *uma gargalhada até feliz*, e respondeu: "não li isso, mas uma coisa é certa: embustes é que não somos"[21]. E conclui: "acho que Guimarães Rosa também riria"[22]. Na crônica intitulada não por acaso de "Char-

[20] *Apud* ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 117.

[21] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 69.

[22] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 69.

latões", publicada em 26 de abril de 1969, volta a lembrar do caso pitoresco: "disseram-me que um crítico teria escrito que Guimarães Rosa e eu éramos dois embustes, o que vale dizer charlatões"[23]. Se na primeira crônica, Clarice não só sai em defesa do amigo, como lembra que o mesmo riria muito se não tivesse morrido, nesta última ataca o referido crítico dizendo que ele não entenderia nada do que ela estava dizendo ali. Ou seja, em meio a uma atmosfera duvidosa de falta de credulidade, ou de mentira ardilosamente plantada para os dois amigos, Clarice não perde a oportunidade de defender-se e de defender o amigo morto, mesmo que seja por meio de uma gargalhada, como na primeira crônica, ou de uma brincadeira séria, como na segunda.

A última crônica que se tem notícia de que a escritora teria feito referência ao amigo chama-se "Desculpem, mas se morre", publicada no *Jornal* em 16 de março de 1971. A crônica, que inicia com "morreu o grande Guimarães Rosa", parece mais uma nota de falecimentos de amigos, parentes, vizinhos e conhecidos[24]. Quase quatro anos depois, Clarice Lispector abrir uma crônica lembrando da morte do amigo só reforça a assertiva de que não há mesmo amizade sem luto nem epitáfio. Nesse sentido, além de uma nota de falecimento, sua minúscula crônica lembra também uma inscrição sobre uma lápide, ou até mesmo um elogio breve ao amigo morto. Assim estaria instaurado o discurso do epitáfio. Já essa escrita enlutada, por sua vez, seria o trabalho de elaboração do luto por parte da escritora que faz a soma das lembranças das mortes. Vivendo um luto "incurável" quatro anos depois, Clarice sabe manter o amigo morto na alteridade dele, respeitando seu eterno afastamento, mantendo-o sempre à distância. O texto "Desculpem, mas se morre" esboça talvez o último gesto metafórico da amiga de selar literalmente a campa fúnebre.

Pensando na relação de amizade amorosa entre Clarice e seus dois amores, conforme esboçamos, lembramos de Nietzsche, o primeiro a desconstruir o vocativo atribuído a Aristóteles "Ó, meus amigos, não há amigos", que alertara que "no próprio amigo devemos ter nosso melhor inimigo". Com base neste *cuidado de si* de Nietzsche, podemos concluir que a escritora soube articular seu triângulo amoroso porque se manteve à distância e em silêncio diante de tais relações poderosas (uma totalmente presa à tradição; a outra, nem tanto; mas havia sua condição subalterna de ser mulher), cultivando, assim, um "amor ao distante". Podemos dizer, por fim, que Clarice até cultivou um *ethos* da intimidade consigo mesma, mas que nunca deixou extravasar para o outro. Pelo contrário, no tocante aos amigos, foi de uma delicadeza, solidão e silêncio, às vezes acompanhados de estranhamento, e sem confundir o sentimento da amizade com o do amor (entre os sexos). Em Clarice Lispector, a amizade não está para o amor.

[23] LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 280.

[24] "Morreu o grande Guimarães Rosa, morreu meu belo Carlito, filho de meus amigos Lucinda e Justino Marins, morreu meu querido cunhado, o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Mozart Gurgel Valente, morreu o filho do Dr. Neves Manta, morreu uma menina de 13 anos do meu edifício deixando a mãe tonta, morreu o meu tonitruante amigo Marino Besouchet. Desculpem, mas se morre. (LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 539)

REFERÊNCIAS

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector*: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: [s.n.], 1981.

BORGES. Jorge Luis. A cegueira. In: *Sete noites*. São Paulo: Max Limonad, 1983.

CUNHA, Duarte da. *A amizade segundo São Tomás de Aquino*. Cascais: Principia, 2000.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras Editores, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

_____. *Visão do esplendor*: impressões leves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NOLASCO, Edgar Cézar. *Restos de ficção*; a criação biográfico-literária de Clarice Lispector. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. *Por uma estética da vida em Clarice Lispector*. (Livro no prelo).

SABINO. Fernando. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2001.